

NO LIMIAR DO IMPÉRIO ROMANO E À MARGEM JUDAICA: OS MOVIMENTOS CRISTÃOS NA BUSCA PELO RECONHECIMENTO

Pablo Gatt

Doutorando em História Medieval pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos Sefaradis (Letamis). Bolsista Fapes. E-mail: gattpablo@gmail.com

**NO LIMIAR DO IMPÉRIO ROMANO E À MARGEM JUDAICA: OS
MOVIMENTOS CRISTÃOS NA BUSCA PELO RECONHECIMENTO**

**ON THE EDGE OF THE ROMAN EMPIRE AND ON THE JEWISH FRINGE:
CHRISTIAN MOVEMENTS IN THE QUEST FOR RECOGNITION**

Pablo Gatt

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma breve leitura acerca dos movimentos cristãos pelos territórios do Império Romano, assim como discorrer acerca da influência dos Judaísmos e do paganismo em sua formação inicial. Para isso, realizaremos uma análise perante a importância da oralidade e, por conseguinte, das homilias para a expansão dos movimentos cristãos ao longo da bacia do Mediterrâneo. Nesse sentido, por meio desses dois elementos, os cristãos puderam realizar a transmissão da “Boa Nova”, das mensagens atribuídas à Jesus Cristo, garantindo um largo alcance de suas mensagens, assim como promover um distanciamento às demais correntes religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismos; Judaísmo; Império Romano; Oralidades; Homilias.

ABSTRACT

The present article aims to make a brief reading about the Christian movements through out the territories of the Roman Empire, as well as to discuss the influence of Judaism and paganism in its initial formation. To do this, we will analyze the importance of orality and, then, of homilies for the expansion of Christian movements throughout the Mediterranean basin. In this sense, by mean sof these two elements, Christians we reable to transmithe "Good News", the messages attributed to Jesus Christ, ensuring a wide range of their messages, as well as promoting a distance from other religious currents.

KEY WORDS: Christianity; Judaism; Roman Empire; Oralities; Homilies.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros séculos da era cristã houve um forte movimento de emigração, em que os habitantes do Império Romano saíram da zona rural e emigraram para as áreas urbanas. Com isso, as heranças locais, que carregavam esses indivíduos, modificaram o contexto citadino, alterando a paisagem das principais cidades, como Roma, Jerusalém, Atenas, Alexandria e Antioquia.

Com essa mobilidade espacial as cidades romanas se tornaram cosmopolitas, denotando o sentido “de uma comunidade mundial na qual as relações entre os indivíduos transcendem as fronteiras de um Estado” (CAMPOS, 2012, p. 133). Para uma cidade ser cosmopolita quatro elementos devem coexistir: a presença de políglotas, mobilidade especial, urbanização e a circulação livre dos cidadãos. Nesse contexto, os cidadãos, cada um de acordo com sua função, deveriam seguir as regras políticas de convivência para que todos pudessem conviver em paz, gozando de justiça, dignidade e equidade.

Os termos “cidadania mundial” e “cosmopolitismo” já se faziam presente na Antiguidade desde o quarto século antes da era comum, ou seja, antes de Cristo. Nesse período o significado do termo relacionava-se com ser “cidadão do mundo”, visto que a filosofia estoica já defendia que o mundo, por inteiro, era uma única cidade verdadeira. Migrando de um local para o outro o indivíduo adquiria a cidadania local, na medida em que ao longo dos anos houve um notável aumento nas frequências de deslocamentos.

O cosmopolitismo no Império foi oficializado politicamente com o Édito de Caracala, em 212, com o intuito de simplificar a administração pública. Esse Édito concedeu a cidadania romana aos membros da *urbis*, menos aos escravos, mulheres, estrangeiros e colonos agrícolas, fortalecendo a cooperação social e a *identidade* citadina, pois ser cidadão romano era motivo de orgulho, denotava mérito e honra.

Por meio da característica cosmopolita, com o aumento da mobilidade espacial, os cidadãos não eram mais considerados membros inseparáveis do Estado, aumentando o sentimento de individualidade. Dessa forma, “cada cidadão poderia aderir àquilo que mais lhe

servia” (CAMPOS, 2012, p. 134). É por essa mobilidade de adesão que haverá uma modificação no campo religioso e político do Império Romano, devido ao intenso teor proselitista das primeiras vertentes cristãs no anúncio da “Boa Nova”, das mensagens atribuídas à Jesus Cristo, ao longo da bacia do Mediterrâneo.

Portanto, nesse esquema fluido e de construção de *identidades* quando as primeiras vertentes cristãs surgiram, na Palestina, as mesmas representavam mais uma corrente fracionada do Judaísmo¹, sendo que a prática monoteísta judaica² não representava uma ameaça aos cultos romanos, ocupando o posto de *religio licita* devido à sua antiguidade. Isso porque, os romanos tinham por hábito respeitar todas as divindades ancestrais já reverenciadas pelos povos submetidos ao Império, ou seja, “o Estado romano, ao invadir e controlar politicamente um determinado território, não interferia nas disposições culturais e religiosas dos povos em seu domínio” (SPINELLI, 2021, p. 236). É nesse contexto cosmopolita que veremos como os movimentos cristãos se distinguiram dos Judaísmos e do paganismo, alcançando às massas primeiramente e em seguida a elite.

¹ Assim como os Cristianismos, atestamos a presença de vertentes e a divergência de pensamentos no Judaísmo. Por exemplo, os saduceus que eram avessos às interpretações orais da lei. Ademais, elencamos os grupos dos fariseus, dos essênios e dos zelotas como vertentes da religião judaica.

² Os judeus foram dominados pelo general Pompeu em 63 a.C., anexando a Judeia aos territórios ao Império. Posteriormente, em algumas ocasiões, como no contexto da Guerra da Judeia (66-70) e da Revolta de Bar Kochba (132-135), observamos certo recrudescimento da má vontade contra os judeus e seus costumes, mas as autoridades romanas nunca consideraram a religião judaica uma ameaça ao seu *dominium mundi*, do qual um dos principais pilares simbólicos era justamente a *pax deorum* (BENARIO, 1980, p. 98). A tendência dos imperadores foi sempre a de resguardar os direitos dos judeus, incluindo a prática da sua religião. Embora Adriano (117-138) tenha, por exemplo, proibido que os judeus circuncidassem seus filhos, Antonino Pio (138-161), seu sucessor, restabeleceu essa prática (FELDMAN, 2017, p. 11). Com Ulpiano e Modestino, dois importantes juristas romanos, atuantes no século III, os judeus são autorizados a assumir, nas cidades, as liturgias ou *munera*, mas desde que isso não transgredissem os princípios do Judaísmo. Não teriam obrigatoriamente que patrocinar um festival ou qualquer outra atividade pública que se realizasse no sábado, uma vez que este dia é reservado ao *shabat*. Os argumentos de Ulpiano e Modestino referiam à isenção dos judeus do exercício de encargos municipais incompatíveis com as crenças que sustentavam, por analogia, a sua não participação no culto imperial, embora incluíssem o imperador em suas preces à *Iavé*. A relação Judaísmos e Império fora permeada por uma tolerância cultural, mas que exigia reciprocidade. Nessa perspectiva, as autoridades romanas não se mostraram contrárias às práticas do culto judaico, pelo contrário, quando haviam conflitos, com os pagãos, os judeus apelavam em tribunais para que o imperador garantisse o direito de contribuírem com o Templo, com o *comitatus*. As respostas a essas contestações, em sua grande maioria, eram favoráveis aos judeus (SOUZA, 2009, p. 37).

O MOVIMENTO DA “BOA NOVA” CRISTÃ POR MEIO DA TRADIÇÃO ORAL E DAS HOMILIAS: A RESSIGNIFICAÇÃO DE TEMAS JUDAÍCOS E PAGÃOS

Trabalhar com Cristianismo nos primeiros séculos, caracteristicamente no singular, esquecendo-se das vertentes, das tradições orais e plurais dessa religião, denota um empobrecimento dos movimentos cristãos no contexto do Império Romano e ao longo da bacia do Mediterrâneo. Nesse sentido, houve uma polissemia, permeada por relações de poder, uma pluralidade de entendimentos, acerca do que disse e, principalmente, do que não disse Jesus, como atribuídos nos Evangelhos, nas tentativas de construções identitárias. Portanto, estudar as correntes cristãs em suas pluralidades, como experiências particulares, nos ajuda a evitar omissões ou generalizações.

O recurso à oralidade não foi uma novidade trazida pelos Cristianismos, na medida em que pela tradição oral os indivíduos da Antiguidade Clássica assimilavam os ensinamentos religiosos. Vemos essa difusão na propagação das narrativas mitológicas, como a *Ilíada* e *Odisseia*, posto que “grande parte da cultura grega foi construída pela oralidade, mesmo após a introdução da escrita, que tendo sido adotada por volta do séc. VII a.C., não produziu uma revolução de imediato e nem substituiu a tradição oral em seu valor original” (SANTOS, 2010, p. 251).

Devido à falta de um *corpus* documental, que regesse o panteão greco-romano, era a comunicação oral a responsável por gerir os cultos pagãos. Esse recurso serviu de empréstimo aos processos de evangelização cristãos auxiliando “na formação da fé e da doutrina cristã, sendo essencial para a difusão de seus valores e de suas morais, de suas figuras santas e heroicas e para a construção da sua própria identidade” (FACCIN, 2017, p. 88). O auxílio da oralidade na transmissão das mensagens cristãs remonta, do mesmo modo, à tradição judaica, em que as sinagogas eram os locais de estudos dos judeus, reunidos para ouvir, ler e estudar as revelações de *Yavé*. Gradativamente, os Cristianismos receberam influências da cultura judaica e circunscreveram uma gama de concepções e informações dos cultos politeístas greco-romanos.

O movimento de Jesus com Jesus e, posteriormente, sem a presença do mesmo, foi um movimento libertário, na pregação das benesses do Reino de Deus, sendo conhecido também como o movimento da “Boa Nova”. Entre as mensagens proclamadas por Cristo havia o

anúncio de que “Reino de Deus estava próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (*Marcos 1: 15*), apresentando-se como "um conteúdo surpreendente, não porque absurdo, mas porque foge dos padrões normais. Lidando com o real e não a modo de reproduzi-lo, mas de provocá-lo e imaginar sua superação" (VASCONCELLOS, 2003, p. 189).

Nesse novo mundo a justiça divina governaria, sendo o Deus cristão justo e absoluto. Representaria um reino de paz, na superação dos conflitos pela justiça perfeita, em oposição ao reino de guerra e de injustiça imposto pela figura do imperador. Homens e mulheres viveriam em alegria, em fartura e em igualdade, contexto também contrário ao reino de César. O sagrado invade a história, com a promoção do Reino de Deus nas dimensões da tarefa e do dom, em ações e palavras, propagando uma mensagem de conforto para a alma, que procurava coibir o julgamento alheio e ensinar os passos para o caminho da luz, da salvação eterna, na concepção do já e ainda não. Pela organização em um corpo uno e completo, na forma de um apostolado, é que as missões cristãs se disseminaram pelos territórios ao longo da bacia do Mediterrâneo, pois “apesar de ser um fenômeno cultural, social e religioso do Império Romano, não pode ser estudado isoladamente em relação a este, também desenvolve um sistema semiológico próprio, mesmo que em tensão com as vertentes centrais da cultura” (NOGUEIRA, 2015, p. 43).

Os Cristianismos, inicialmente, formaram uma dissidência religiosa de movimentação geográfica. As primeiras pregações cristãs nasceram em um ambiente judaico³, na Palestina, e se difundiram por meio da transmissão oral. Embora somente possamos falar de uma cultura escrita e unificada⁴ a partir do século IV, com a consolidação do *Novo Testamento*, foi pela oralidade que ocorreu a preservação dos preceitos anunciados, ou não, por Jesus Cristo. Nesse sentido, as mensagens da “Boa Nova”, antes serem reunidas em um *corpus* documental, eram

³ A mensagem cristã surge em Nazaré, na Galileia das Nações, cidade em que nazareno passou boa parte de sua infância e retornou para anunciá-la. Entretanto, as palavras atribuídas à Jesus Cristo foram rejeitadas em sua terra natal (*Lucas 4: 16-30*), sendo expulso de seu lar. Isso porque, sua família o considerou louco (*Marcos 3: 21*), principalmente seus irmãos (*João 7: 5*), pois já havia o desejo de persegui-lo por parte dos judeus, que habitavam na Galileia, pela recusa em considerá-lo como o messias.

⁴ A “Boa Nova”, iniciada por meio de uma tradição oral, passou a ser fixada e conservada após algumas décadas por meio da escrita, na construção de uma literatura cristã. Essa preocupação ocorreu somente na década de 60, quando já se havia concretizado uma memória simbólica em volta da figura de Jesus Cristo. Esse movimento de burocratização deu origem a uma série de relatos ou narrativas apócrifas que relatam a vida de Jesus Cristo e aos Evangelhos que compõem o *Novo Testamento*: Marcos, Mateus, Lucas e João, embora não tenham sido registrados nessa ordem. Ou seja, as comunidades cristãs são anteriores ao *Novo Testamento*, sendo o mesmo um produto direto da tração oral.

transmitidas pelos discípulos e apóstolos (*Lucas 24: 44*), mantendo a tradição de Jesus viva, na liturgia e na práxis, pois quem “ouve a vós, a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele me que me enviou” (*Lucas 10: 16*). Para além da Palestina, essas correntes difundiram-se por Corinto, Damasco e Antioquia, sendo essa última cidade a terceira maior do Império.

A ressignificação da prática da esmola nos Cristianismos também contribuiu para o seu destaque perante as demais religiões pagãs. Contudo, a ideia de ajuda ao próximo provém do Judaísmo, como vemos no último livro que compõe o *Pentateuco*⁵, *Deuteronômio 15: 7-11*, dado que a “palavras de Jesus transmitidas pelos Sinóticos apresentam uma coloração semítica” (ARAÚJO, 2016, p. 142). Nessa ressignificação, pela mensagem cristã da “Boa Nova”, a questão da esmola se assemelha com o amor ao próximo, sendo que por meio das mensagens do nazareno a caridade simbolizaria mais do que um simples ato, uma verdadeira entrega ao outro, para além das questões monetárias (*Mateus 22: 39*). A solidariedade e caridade foram os pilares que promoveram a unidade entre as comunidades cristãs (*Mateus, 25: 31-46; Atos 11: 27-30, Romanos 15: 26; I Coríntios 8: 9*), em que a misericórdia e o amor deveriam unir as pessoas, na medida que os bens materiais as separam. Pela caridade se deve superar os preconceitos e as barreiras impostas pelo dinheiro, emergindo, assim um *ethos*⁶ universal à comunidade cristã.

Vemos mais dessa herança semítica na retórica dos movimentos cristãos dos primeiros séculos. A crença de que o *Reino dos Céus*, o *malkhut hashamayim*, triunfaria sobre o governo dos povos dominantes, presente em *Salmos 145: 11-13*, é repetida no *Evangelho de Mateus* (*Mateus 3: 2; 4: 17; 5: 3, 10, 19, 20 e 7:21*). O Reino de Deus, nessa narrativa, se assemelha com o *Reino dos Céus* da tradição hebraica, dado a herança judaica é a responsável pela assimilação da Igreja Cristã como o *Verus Israel*, como a verdadeira comunidade dos eleitos, sendo nos Cristianismos os próprios judeus excluídos dessa aliança.

⁵ O *Pentateuco* é constituído pelos cinco primeiros livros da Bíblia hebraica, os Livros de Moisés, que são eles, *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*. Entre os judeus é chamado de *Torá*, palavra que vem da língua hebraica e significa *Lei*, instrução ou ensinamento.

⁶ O *Ethos* é a construção do Eu no *discurso*. Ele não está implícito, sendo construído discursivamente. Para sua construção se recorrer aos elementos do passado juntamente com as condições sócio-históricas de produção do autor.

Na tradição cristã encontramos os temas do arrependimento e do batismo nas passagens que narram a figura João Batista, como em *Mateus 3: 1-4*, *Marcos 1: 4-9* e *João 1: 26-35*. João era um candidato messiânico, da primeira metade do século I, que faz um chamado aos judeus, seus conterrâneos. A mensagem pregada por Batista era a de que estaria por vir um ser angélico (*Mateus 3: 3*), mais forte do que ele (*Mateus 3: 11*), por isso, por meio do batismo em água, os judeus necessitavam mudar a forma de pensar e de viver. Contudo, esse ser, não denominado, viria para intervir e realizar um novo batismo, com fogo (*Mateus 3: 11*).

O batismo proposto por João Batista simbolizaria o arrependimento dos erros cometidos e a remissão dos pecados. Ainda no *Evangelho Sinótico de Mateus*, que narra o convite de João Batista, encontramos a descrição do batismo Jesus Cristo (*Mateus 3: 13-15*), como um dos judeus que aceitaram tal convite. Portanto, pelo chamado de João ocorre o batizado de Jesus, selando publicamente o compromisso do nazareno com Deus, a se tornar um discípulo e tendo Batista como seu mentor. Nesse episódio, nas margens do Rio Jordão, os céus se abriram e uma pomba voou na direção de Jesus, em que uma voz pronunciava que Ele era o Filho de Deus, o messias (*Mateus 3: 16-17*).

Assim como João Batista, Jesus Cristo não deixou nada escrito, mas as interpretações de suas palavras, da “Boa Nova”, reunidas nos quatro *Evangelhos*, revelam que o homem esteve no cerne de um plano divino, em um quadro em que se era pregado uma esperança no Além, sendo imprescindível o batismo, o arrependimento e a profissão da fé, pois somente se dizer cristão não era o suficiente para alcançar a salvação.

Em relação ao futuro, no sentido de uma vida após a morte, *post-mortem*, o medo da condenação não apareceu ou se apresentou como um dos pontos recorrentes das primeiras pregações cristãs, o que se prova no martírio, sendo a morte o cume da representação do amor do homem por Deus (*João 11:25*). O advento da morte de João Batista por Herodes⁷ (*Mateus*

⁷ Quando falamos de Herodes deve se tomar muito cuidado para não acabarmos confundido os personagens. Herodes, o Grande, foi um rei do território da Palestina e faleceu em 4 a.C. Agora, tratando-se no Novo Testamento, Herodes Antipas foi o tetrarca da região da Galileia, filho de Herodes, o Grande. Antipas é o Herodes referenciado no Evangelho de Lucas, o responsável pela morte de João Batista e o que possui o desejo de capturar Jesus Cristo. “Foi Herodes quem deu sustento político a crucificação de Jesus, ordenou, entre 40-45, a decapitação de Joao Batista (*Mateus*, 14, 5-11) e de “Tiago, irmão de Joao” (*Atos dos apóstolos*, 12, 2). Consta que Tiago foi decapitado (*Atos dos apóstolos*, 12, 3) para *agradar* os judeus, fato que demonstra a importância da perseguição em favor de dividendos políticos perante uma maioria que apoiara a morte de Jesus e agora estava de acordo com a perseguição” (SPINELLI, 2021, p. 225).

14: 1-23), e as palavras atribuídas à Jesus Cristo ao assassino do seu mentor, “E respondeu-lhes: Ide, e dizei àquela raposa: Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia sou consumado” (*Lucas, 13: 32*), nos mostra que o nazareno não temia a morte, pois tinha fé.

Nesse contexto de dominação do Império Romano sob Israel, Cristo expulsaria os demônios que deixavam os homens presos à Roma e provocavam neles o medo da morte. Portanto, “a libertação do medo da morte tornou-se a sua mensagem e, o modo como ele falava dessa libertação, era declarar que, o Reino de Deus – o Deus que tudo aceita, o Deus misericordioso – já havia começado” (PONTES, 2018, p. 35). Mais do que um ataque à Herodes, as palavras atribuídas à Jesus Cristo desafiavam a dominação de Roma sobre Israel, na intenção de libertação do povo escolhido.

Como dito, os Cristianismos representavam mais uma das seitas religiosas no contexto do Império Romano. Embora essas mensagens tenham chegado ao apogeu com a religião cristã, retomamos os temas da salvação e do Além nos cultos pagãos. Nesse quadro de sincretismos, o Judaísmo assemelhou elementos das religiões orientais, como o Zoroastrismo, para a construção da sua significação do Além, uma realidade exterior de um lugar porvir. A literatura judaica é diversificada, principalmente no que concerne uma vida após a morte, para além da sepultura. Isso porque, essa temática fora desenvolvida durante o domínio de Antioco IV Epífanes, sobre a Judéia, durante os anos de 175-164 a.C. Nesse período temos o episódio da Revolta dos Macabeus, com a profanação do Templo de Jerusalém e a proibição do culto ao Deus judaico, aflorando uma literatura de cunho apocalíptico, na valorização da nação de Israel, no arrependimento dos pecados e no distanciamento dos valores helenísticos. Nessa perspectiva, “o Judaísmo reapropria as ideias de mundo dos mortos e porvir do mundo indiano e iraniano, e ressignifica ao seu contexto histórico, isto é, cria um espaço destinado aos salvos e perdidos, tendo em vista o contexto sócio-político da Judéia do séc. II a.C.” (SILVA, 2013, p. 32).

A visão do Além judaico (*Isaías 26: 19*), é construída mediante a *circularidade das ideias*⁸ com os cultos orientais, apropriando-se das noções de alma⁹, do estado intermediário

⁸ Na esteira da Nova História Cultural elegemos o conceito teórico de *circularidade das ideias* para demonstrar as interações que ocorreram entre os grupos cristãos e não cristãos nos primeiros séculos da era cristã. O

dos mortos¹⁰, do julgamento¹¹, e, posteriormente, do desfecho final dos homens¹². Portanto, é por um sincretismo religioso com as religiões pagãs, em destaque o Zoroastrismo, que o Judaísmo constrói sua ideia de além. Nessa troca de informações, a religião judaica assemelha o destino final do homem com o que ele produziu em vida, como uma forma de retribuição, julgado conforme suas escolhas e obras individuais (*Daniel 12: 2*). No contexto do Império, os judeus, descendentes dos hebreus, ainda estão esperando a vinda do messias, para levar o povo escolhido de Israel ao espaço de júbilo e de glória dos salvos. Enquanto isso, os cristãos já vivem um momento em que esse episódio está cada vez mais perto de se concretizar, simbolizado pela morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Pela “Boa Nova” o sagrado não mais provinha de forças sobrenaturais ou estaria representado em um sistema de poderes. A sacralidade passa a estar aglutinada em uma figura material, pela característica da humanidade (*Filipenses 2: 6-8*), presente entre os seus e que não residiria num lugar inacessível, como no Olimpo¹³. Ademais, no paganismo greco-romano existia a crença de que havia uma divindade superior as demais, o que abre precedentes para a pregação das mensagens atribuídas ao nazareno (VEYNE, 2010, p. 38).

conceito é defendido por Carlo Ginzburg, na obra *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, de 1998. Utilizamos tal conceito afim de discutir as relações dinâmicas que permearam os grupos citados acima, em um processo de inter-relação, avaliando as interações, embates, posicionamentos e concordâncias que estavam sempre em movimento. Do mesmo modo, nos valemos de tal conceito na tentativa de superar a visão existente de uma relação unidirecional ou passiva entre as culturas, como popular/erudito ou periferia/centro, visto que não existiu um Cristianismo, Judaísmo ou politeísmo greco-romano, enquanto formas culturais independentes ou autônomas (CHEVITARESE; CORNELLI, 2003, p. 26). Por esse conceito compreendemos uma sistemática comunicação polinuclear e multidirecional entre as culturas. Sendo assim, o conceito de *circularidade das ideias* corrobora com o objetivo da Nova História Cultural, segundo (CHARTIER, 1998, p. 16-17), que é o de compreender como uma realidade social é construída, pensada, lida e representada em diferentes lugares e momentos.

⁹ A noção de alma não existe no Pentateuco, uma vez que a expressão “sopro de vida” utilizada na passagem de *Gênesis 2: 7*, refere-se ao ato de dar existência, tanto nos homens como nos animais, e sabemos que esses últimos seres carecem de alma. Essa mesma expressão é utilizada no primeiro capítulo de *Ezequiel* e em *Daniel 7: 2*, que do hebraico *ru'ah*, nada se assemelha com a alma.

¹⁰ A temática que envolve o momento entre a morte e a espera pelo desfecho final das almas pode ser encontrada em Salmos 88: 10-12 e *Eclesiastes 9: 6-10*. Nessa narrativa a sepultura se assemelha ao *Sheol*, em que com o contato com as religiões pagãs o Judaísmo traz a noção de recompensa para aqueles que se foram fieis aos ensinamentos da *Torah*. O *Sheol* passa a ser representado pelo Inferno com os Cristianismos, como vemos em *Lucas 16: 20-23*.

¹¹ Essa temática já era representada no *Avesta*, livro sagrado do Zoroastrismo, em que no *Cinwad* ocorria o julgamento das atitudes humanas. Nesse local existira uma ponte, nela os justos atravessariam sem problemas, em direção as benesses da vida no além, em direção a Casa dos Bons Pensamentos, enquanto os ímpios caíam da mesma, em um abismo, na casa do Engano.

¹² Uma analogia entre a alma e o desfecho final da humanidade pode ser encontrada em *Daniel: 11-12*.

¹³ Na mitologia grega o Monte Olimpo foi a morada dos principais deuses do panteão grego.

Essa brecha será utilizada por Paulo quando se apropriou de um altar em Atenas, construído para um deus desconhecido, para pregar as menagens de *Yahweh* (*Atos: 17, 23*). Sendo assim, uma das novidades promulgada por esse movimento da “Boa Nova” era a existência de um salvador, um redentor messiânico, na revelação de Deus como um humano.

O *status* judaico é abalado quando a Igreja cristã e o Império Romano adquirem maior contato, numa aproximação no que tange os ambientes políticos e religiosos. Essa afinidade, entre ambas as esferas, ocorre a partir das políticas empreendidas por Constantino (306-337) no século IV, mas que remonta a um longo processo iniciado pelo movimento da “Boa Nova”, com o apóstolo Paulo, e com a atuação oral e escrita dos Pais da Igreja¹⁴. Em 315 Constantino promulga um édito proibindo o proselitismo judaico sob pena de execução, sendo assim, o judeu que fosse capturado realizando a prática da pregação, para a conversão ao Judaísmo, sofreria as penas dessa infração.

No governo de Constâncio II (337-361), filho de Constantino, os judeus são rebaixados ainda mais, colocados como categorias inferiores aos cristãos e proibidos de evangelizar. É durante esse período que a paz com os judeus acaba e se inicia um período de flagelos, um verdadeiro processo de estigmatização do Judaísmo ao longo do século IV. Ainda assim, o Judaísmo continuou sendo uma *religio licita*, tendo seu título encerrado somente no governo de Justiniano, em 565 d.C.

A IMPORTÂNCIA DAS HOMILIAS PARA OS MOVIMENTOS CRISTÃOS

As homilias fazem parte das celebrações cristãs desde os primeiros séculos, consistindo na interpretação e explicação pelas elites eclesiais dos textos sagrados, na orientação prática e emprego de uma práxis espiritual por parte dos devotos. Embora o seu uso se faça recorrente

¹⁴Do latim *pater*, os Pais ou Padres da Igreja foram importante teólogos da Igreja dos primeiros séculos que, a partir da segunda metade do século IV, exerceram enorme influência na formulação da doutrina cristã. São os homens que “cunharam a vida da comunidade católica” (PADOVESE, 1999, p. 19), que ensinaram e permaneceram na fé. A partir do século IV, pelo decreto *De libris recipiendis et non recipiendis*, o termo se concentra em todos representantes da tradição eclesial, logo em seguida aplicado aos que levaram uma vida monástica ou asceta. Por fim, a ortodoxia ou heresia de uma doutrina será avaliada por meio dos ensinamentos deixados por eles, pois inauguraram a “ciência” da teológica e foram a centralidade da palavra de Deus (PADOVESE, 1999).

somente século IV, as homilias são ferramentas que remontam ao II século, como recurso pedagógico que buscou instruir a *oikoumene*, a terra habitada, nos ensinamentos de Cristo, sendo primeiramente escritas e depois lidas para os espectadores.

As homilias, como nos Cristianismos iniciais, ainda hoje são compostas pela *admonitio*, a interpretação do texto sagrado, e pela *adhoratio*, a aplicação concreta do ensinamento oral. Nessa perspectiva de homogeneização, de universalização, as homilias permitiam instruções de cunho ético, doutrinário, pastoral, ao exaltarem os santos e mártires, além de fazer frente aos hereges e judeus, sendo lidas de modo que todos pudessem ter acesso à informação.

Pela dificuldade no acesso ao texto bíblico as homilias funcionaram como a forma mais fácil de conhecer os escritos sagrados, “conjugadas com exemplos retirados do cotidiano, de modo a extrair das leituras uma orientação prática, de emprego imediato pelo devoto” (SILVA, 2017, p. 225). Para que as homilias adentrassem as diversas camadas da população, as mesmas deveriam possuir um alto poder de convencimento, o que foi obtido devido a arte da retórica pagã¹⁵. Esses sermões eram realizados nos teatros, nas proximidades das sinagogas e até mesmo dentro delas, chegando a durar 33 e 70 minutos, o equivalente a uma hora romana, podendo alcançar a duração de mais de uma hora, o que não era a regra. Nessa inter-relação, pela *circularidade das ideias*, constatamos o auxílio da cultura greco-romana, do helenismo, aos Cristianismos, posto a ausência de um sistema escolar propriamente cristão nos três primeiros séculos.

Mas não nos enganemos, Hartney (2004, p. 37) considera, que, pela rotina atribuída dos líderes da Igreja, as homilias poderiam ser redigidas no improviso, pois suas redações demandavam enorme quantidade de tempo, sendo as vezes redigidas por estenógrafos e revisadas, ou não, posteriormente. Ademais, as homilias eram copiadas e transcritas por escribas profissionais, como vemos no *scriptorium* de Orígenes em Cesareia, para uma maior circulação em sociedade, na medida em que haviam possíveis leitores. Em vista disso, “o

¹⁵ Novamente, retomamos os empréstimos pagãos aos Cristianismos iniciais quando associamos a função das homilias com os elementos do discurso retórico e as lições empregadas por Aristóteles. Em vista disso, a retórica é formada por três componentes, sendo eles: o *ethos*, o caráter que o orador assume a fim de inspirar confiança e simpatia no auditório; o *pathos*, as emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar nos ouvintes; e o *logos*, a racionalidade do discurso e dos argumentos propriamente ditos. Portanto, esses três mecanismos estavam presentes na prática das homilias e na oralidade dos líderes cristãos, o que garantiu aos Cristianismos uma disseminação por todo o *orbisromanorum*.

conhecimento das Escrituras e da mensagem anunciada por Jesus, não seriam, a princípio, monopólios de especialistas, mas estariam a cargo de qualquer membro da congregação experiente na prática da religião, com especial destaque para a família” (SILVA, 2014, p. 3).

Na segunda metade do século II o fiel perde a primazia na interpretação das Escrituras, uma vez que a autoridade episcopal se fortalece no pronunciamento das homilias e nas realizações de celebrações, “quando os profetas e professores são convocados a instruir a congregação no decorrer das reuniões semanais de celebração da *fractio panis*, da partilha do pão, um rito ancestral de comensalidade cristã” (SILVA, 2014, p. 5). Portanto, as práticas homiléticas passam a ser responsabilidades dos membros da *Ecclesia*, na explicação dos textos lidos na ocasião, o que denota uma prerrogativa exegetica.

As homilias no terceiro século ainda não ocupavam uma posição de destaque no *corpus* literário cristão. Esse quadro de empecilhos ao florescimento das homilias ainda se agrava com as perseguições empenhadas por Décio, em 250, e por Galério, em 311, o que dificulta “o desenvolvimento da homilética como instrumento de disciplinarização da *ecclesia* e de conversão maciça de gentios e judeus” (SILVA, 2017, p. 226). Isso porque, o Cristianismo e o advento das pregações tiveram nas cidades o seu epicentro, pois desejavam-se obter o apoio e adesão da população da *urbis* à crença em Jesus. É somente na Antiguidade Tardia, com Édito de Tolerância de Galério, que assistimos uma mudança perante aos cristãos, isso na parte Ocidental do Império. Com Constantino, em 313, com o Édito de Milão, ao tornar o Cristianismo uma *religio licita*, as homilias foram os veículos de difusão da ideologia cristã, fortificando o poderio da *Ecclesia*.

O apogeu das homilias remonta aos séculos IV e V. Como expoentes da prática homilética, temos no Oriente: Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e João Crisóstomo e no Ocidente: Ambrósio e Agostinho. Com isso, o teor desses discursos ressalta o caráter pedagógico das homilias, o *encomium*, numa rotineira transmissão e aplicação da práxis religiosa no cotidiano, tanto urbano como rural, e na tentativa de admoestar os novos convertidos.

No *Adversos Iudaeos*, de João Crisóstomo, o emprego da característica *encomium* é perceptível, ao tratar da ameaça judaizante. Nessa homilia, ao se aproximar do *psogos*

greco-romano, recurso empregado para atacar um adversário político, os judeus são os objetos discursivos preferidos de Crisóstomo, se referindo aos mesmos exclusivamente como os oponentes, os rebaixando, difamando e os referenciados como o contraponto ao *encomium*, o discurso da exaltação e do elogio. Isso porque, as festividades judaicas, como o *Rosh-Há-Shanah* (o Ano Novo judaico) e o *Sukkot* (a festa das colheitas), atraíam inúmeros cristãos e na visão de Crisóstomo essas práticas judaizantes poderiam corromper o processo de cristianização da cidade de Antioquia e a construção discursiva do *ethos* cristão.

Fora pela prática das homilias que a hierarquia eclesiástica encontrou uma rápida maneira de evangelizar os fiéis, como um eficaz aparelho de comunicação, responsável por manter os ouvintes cativos às pregações cristãs, uma vez que a população do Império já era familiarizada com as performances de oratória. A alusão aos judeus como *psogos*, desqualificados, não torna somente a homilia um processo de cristianização eficiente, mas também a atuação pedagógica do orador, que recorre à ampliação dos valores associados à nobreza dos cristãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve estudo analisamos a importância da oralidade e posteriormente das homilias para a expansão dos movimentos cristãos, nos territórios que compunham o Império Romano, ao longo da bacia do Mediterrâneo. Esses elementos funcionaram como mecanismos de suma importância para que o Cristianismo adentrasse às massas e se tornasse o que é hoje.

Fora mediante a oralidade, na ressignificação judaica da esmola, do batismo e da fé, que os movimentos cristãos foram construindo gradativamente sua identidade. Ainda assim, em paralelo ao mundo desigual romano, diante das misérias da realidade pagã, na pregação de uma vida melhor após a morte, os movimentos cristãos conseguiram mais adeptos e foram se expandindo. O que, posteriormente, começou a incomodar os governantes do Império Romano.

Nesse sentido, vemos que temas como benesses, alma, além e vida após a morte foram incorporados ao credo cristão, mediante uma *circularidadedasideias*. É necessário quebrar

essa ideia de que os Cristianismos foram originais ao trazerem essas temáticas às massas, visto que esses temas já existiam antes de Cristo. Inclusive, o tema da alma remonta aos cultos orientais, numa assimilação entre Zoroastrismo, estoicismo, Judaísmo e, por fim, Cristianismo. Ademais, a retórica que dispunham os oradores cristãos é baseada na *paideia* greco-romana, instituída pelo helenismo da cultura clássica greco-romana.

Quanto à prática homilética, é posteriormente aos III e IV séculos que as homilias adentram aos movimentos cristãos, agora destinado aos círculos romanos, da elite. Isso porque, os Cristianismos já haviam conquistados às massas, fazendo necessário se readaptar para aprimorar a relação Igreja/Estado.

FONTES

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

SAINT JOHN CHRYSOSTOM. **Homilies Against the Jews: Oration I**. In: MAYER, W.; ALLEN, P. John Chrysostom. London: Routledge, 2000, p. 148-165.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. Os ditos de Jesus e os escritos rabínicos. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, v. 14, p. 141-156, 2016.

BENARIO, Herbert. **A commentary on the Vita Hadriani in the Historia Augusta**. Ann Arbor: The American Philological Association, 1980.

CAMPOS, Ludimila Caliman. O Cristianismo e o Império Romano: tópicos sobre mobilidade espacial, identidade étnica e hibridismo cultural. **Revista Ágora**, n. 15, p. 132-145, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 1998.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabrielle. **Judaísmo, Cristianíssimo, Helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo Antigo**. Itu: Ottoni Editora, 2003.

FACCIN, Débora. A importância da oralidade na difusão do Cristianismo primitivo: uma análise segundo o livro Ato dos Apóstolos e as Epístolas paulinas. **Revista Alétheia - Estudos sobre Antiguidade e Medieval**, n. 1, p. 78-90, 2017.

FELDMAN, Sergio Alberto. **O conflito entre Igreja e a Sinagoga no período tardo antigo e medieval**. Vitória: UFES, Secretaria de Ensino a Distância, 2016.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARTNEY, Aideen. **John Chrysostom and the transformation of the city**. London: Duckworth, 2004.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O Cristianismo primitivo como objeto da História Cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. **Antíteses**, v. 08, n. 16, p. 31-49, 2015.

PADOVESE, Luigi. **Introdução à teologia patrística**. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

PONTES, Beatriz. Movimento social judeu que resultou no Cristianismo primitivo: da pregação da “boa nova” por Cristo, nos territórios da Palestina do século I, à interpretação do seu discurso, no século XXI. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v. 7, n. 1, p. 6-47, 2018.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. Oralidade e religião: estudo comparado entre a religião da Grécia antiga e o Cristianismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 03, n. 08, p. 243-265, 2010.

SILVA, Diego Lopes da. **Geografia do além**: o local do mundo dos mortos na cultura judaico-cristã. 2013, 45f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, Gilvan Ventura da. Cultura escrita e comunicação oral no Cristianismo antigo: as homilias como instrumentos de poder. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, p. 212-233, 2017.

SILVA, Gilvan Ventura da. Homilia e educação cristã na Antiguidade Tardia: a relação corpo, igreja e a cidade segundo João Crisóstomo. **Acta Scientiarum**, v. 36, n. 1, p. 1-12, 2014.

SOUZA, Maria Isabel Brito de. **Gênese do cristianismo**: a relação entre judeus e gentios no discurso de Paulo em meados do I século d.C. 2009, 131f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

SPINELLI, Miguel. A ascensão do Cristianismo como elemento unificador na Crise do III século. Da helenização macedônica à cristianização romana. *In*: SILVA, Semíramis Corsi; ANTIQUERA, Moisés. (Org.). **O Império Romano no Século III**: Crises, Transformações e Mutações. 1ª ed. São João de Muriti, RJ: Desalinho, 2021, v. 1, p. 215-254.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Quem tiver ouvidos, ouça: vozes e escritas no contexto do Cristianismo primitivo. **Revista Projeto História**, São Paulo: n. 26, p. 183-196, 2003.

VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Artigo recebido em junho de 2022. Aprovado em agosto de 2022.